

UMA PALAVRA QUE NÃO SEJA ESPERAR

ANY WORD EXCEPT WAIT

Se nos últimos dois anos as capas da Revista Em Favor de Igualdade Racial fizeram uso da colagem para a construção de significados através do uso de diferentes elementos visuais, desta vez as técnicas empregadas foram outras. Na presente edição, a imagem que ilustra a capa é uma fotografia editada da escultura “Uma palavra que não seja esperar” (2018), concebida pelo artista brasileiro Flávio Cerqueira. A imagem captura, através de um ângulo baixo, a face da estátua: uma criança negra, que tem uma pilha de livros sobre a cabeça.

O autor Flávio Cerqueira apresenta uma grande experiência com a construção de obras de arte do tipo. Mestre em artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Cerqueira faz uso da fundição em bronze em suas esculturas, retratando corpos humanos em diálogo com objetos ou intervenções nos espaços à sua volta, investigando narrativas pessoais, ficcionais ou históricas atravessadas pelos recortes de identidade, classe, raça e gênero, criando diálogos com o espectador e propondo formas de significar as obras que sejam construídas pelas experiências e questionamentos do próprio espectador, sempre atravessadas por aqueles marcadores.

A exemplo, a escultura Amnésia, de 2015, retrata um menino branco se banhando com uma tinta branca, insuficiente para cobrir seu corpo. A significação elaborada não deve deixar de trazer para a cena a categoria de raça, que, relacionada ao contexto em que foi produzida a obra, traz questionamentos sobre a identidade negra e o processo de embranquecimento da população negra no Brasil. De acordo com o artista, o menino seria o último a sofrer o processo de embranquecimento, já que a tinta teria acabado e seria insuficiente para cobri-lo por completo, trazendo para pauta a resistência da população negra ao processo de embranquecimento tão marcado na história brasileira.

A própria estatueta que dá título à capa, exposta no campus da Universidade de Missouri – Kansas City, nos EUA, dada como presente aos cidadãos do Kansas, traz uma reflexão para a visão da educação enquanto saída para enfrentamento das desigualdades sociais e do racismo na sociedade. O carregar o livro na cabeça traz para a cena a ação de estudo por parte da menina negra, que, de alguma forma, necessita e aposta nos estudos para construir um futuro melhor para si e para os outros, ação que, como falado amplamente no espaço dessa revista, foi largamente adotada

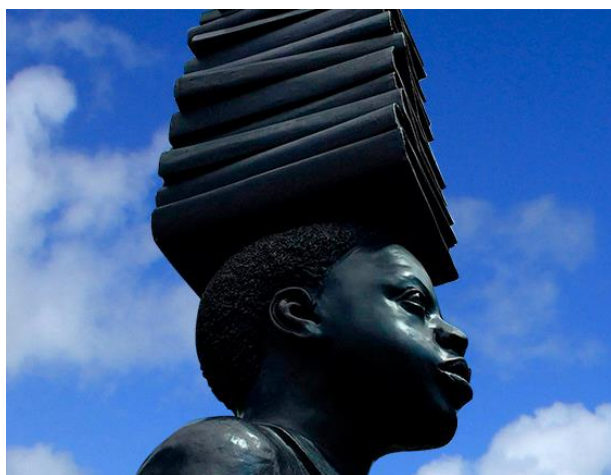
pelos movimentos sociais negros e indígenas na construção de probabilidades de esperança sobre as tendências do futuro (GOMES, 2017).



Uma palavra que não seja esperar (Flávio Cerqueira, 2018, bronze - 175 x 38 x 49 cm; edição de 5 + 2 P. A.; foto © E. G. Schempf)



Amnésia (Flávio Cerqueira, 2015, látex sobre bronze - 137 x 30 x 26 cm; edição de 5 + 2 P.A.; foto: Romulo Fialdini)



Uma palavra que não seja esperar (Flávio Cerqueira, 2018, bronze - 175 x 38 x 49 cm; edição de 5 + 2 P. A.; foto: Blog Bemglô)

Aponta, portanto, ao mesmo sentido indicado por Nilma Lino Gomes, de atuação coletiva – ou até mesmo individual – para criação de possibilidades, de futuros que não existem, mas que são criados através da atuação de indivíduos engajados:

O movimento negro ressignifica e politiza a raça, compreendendo-a como construção social. Ele reeduca e emancipa a sociedade, a si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana. (GOMES, 2017, p. 38).

A (re)educação, assim, deve caminhar ao lado do antirracismo para se contrapor ao epistemicídio dos conhecimentos não-eurocêntricos.

Assim como abordado anteriormente nas duas últimas capas da edição, aqui também é lembrado que a educação é uma das principais alternativas escolhidas para combater o racismo. É necessário continuar investindo nela, na difusão de conhecimentos e na produção de novos, aliada a outras esferas de combate ao racismo – principalmente as de repressão e de reparação.

Wálisson Clister Lima Martins

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac)
Professor de História da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE/AC)
Editor de Arte da Revista Em Favor da Igualdade Racial (Refir)

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.